1.2. Melanie Klein: a técnica do brincar

Podemos considerar Melanie Klein a criadora da principal técnica na análise de crianças, a técnica do jogo, ainda que as primeiras publicações sobre técnica na psicanálise infantil tenham sido feitas por Sofia Morgenstein na França e Anna Freud em Viena. Embora Hug Hellmuth tenha sido a primeira analista de crianças que usou jogos com seus pacientes, tendo criado uma metodologia própria, não deixou registrada a sua experiência, logo pouco podemos aproveitar de sua prática.

A teoria kleiniana provocou enorme impacto na Inglaterra e foi uma tendência revolucionária para a sua época. Klein considerava que a análise infantil era um benefício para qualquer criança; mesmo que a criança não estivesse muito perturbada emocionalmente, o tratamento evitaria ou dificultaria enfermidades na vida adulta. Atribuía, assim, um valor profilático ao tratamento psicanalítico de crianças.

Acreditando no valor profilático da análise de crianças, os analistas, nos anos setenta, tomavam em análise toda criança que chegasse ao seu consultório. E por muitas vezes, os profissionais não se colocavam questões como, por exemplo, se era a criança de fato que precisava de tratamento, se não eram os pais que talvez precisassem de uma orientação... Pensava-se que se um analista era procurado pelos pais de uma criança, esta poderia se beneficiar do que estava sendo oferecido a ela.

Através das suas experiências analíticas com crianças de tenra idade, Klein pôde confirmar as afirmações de Freud de que já nos primeiros anos de vida as crianças experimentam não apenas impulsos sexuais e angústia como também grandes desilusões.

As descobertas kleinianas, vindo dilatar as fronteiras iniciais da psicanálise, relacionam-se aos primitivos estágios do desenvolvimento, originários do funcionamento da vida mental, ou seja, dizem respeito a tudo quanto existe que não é verbalizado pela criança pequena. A partir de suas experiências clínicas com crianças, Klein acredita que o que compõe a fonte real das ações e reações dos seres humanos é o mundo interno das relações de objeto e das fantasias inconscientes.

Assim, para a teoria kleiniana a subjetividade se daria por si mesma, isto é, se constituiria internamente. Ao longo dos escritos de Klein verificamos que o indivíduo é representado como uma unidade fechada, com ansiedades e defesas inatas. A estruturação da subjetividade tem claramente origem no mundo interno, com seus objetos internos e suas fantasias inconscientes. Quanto ao objeto externo de Klein, corresponde à externalização de um elemento psíquico dinâmico interno, e não de fato a um objeto da realidade externa.

As relações objetais, assim como as ansiedades e defesas da criança durante o seu primeiro ano de vida, são os aspectos que têm maior ênfase na teoria kleiniana. As primeiras ansiedades que o bebê experimenta provêm de fontes internas. As relações iniciais do bebê com o mundo externo sofrem influências da experiência do nascimento, considerada como sendo a primeira fonte externa de ansiedade. A ansiedade persecutória, segundo Klein, participa desde o início da relação do bebê com os objetos, na medida em que ele está exposto a privações:

> *A dor e o desconforto que ele (o bebê) sofreu, assim como a perda do estado intra-uterino, são pelo bebê sentidos como uma agressão por forças hostis, isto é, como uma perseguição. (1952: 217)*

Para Klein, a fantasia inconsciente é a expressão mental dos instintos e, como estes, existe desde o começo da vida. Os instintos buscam objetos: a experiência de um instinto no aparelho mental está ligada à fantasia de um objeto apropriado a esse instinto. Fica claro que a fantasia está situada na base da estruturação da subjetividade.

Vale ressaltar que a psicanálise inglesa nesse momento se atinha à tradução do alemão, da obra de Freud, feita por Strachey, em que o conceito Trieb (pulsão), tão valioso, com muita freqüência foi traduzido por instinto. Não vamos nos deter nessas questões, mas somente mencionar que estamos atentos ao uso impreciso que nessa época a escola inglesa incorporou.

Assim, Klein tem um modo de tornar a realidade psíquica interna muito real: qualquer brincar da criança poderia ser visto como uma projeção da sua realidade psíquica. Portanto, se olhamos uma criança brincando seremos capazes de ver o seu mundo interior. Nesse mundo, os objetos internos podem ser vistos como tendo vida própria, independentes da realidade externa.

Um dos conceitos básicos dessa teoria é exatamente a relação objetal que o bebê inicia com a mãe, relação essa que resulta das primeiras experiências da amamentação do bebê e da presença da mãe. A princípio, essa relação se dá com um objeto parcial, uma vez que os impulsos orais-libidinais e orais-destrutivos estão voltados, no início da vida, para o seio da mãe. A interação desses impulsos corresponde à fusão dos instintos de vida e de morte. Os estímulos para os impulsos libidinais e destrutivos, para o amor e o ódio, correspondem às experiências de gratificação e frustração que a criança experimenta.

A introjeção e a projeção também contribuem para essa relação de amor e ódio com o primeiro objeto:

> *O bebê projeta os seus impulsos de amor e os atribui ao seio gratificador (bom), assim como projeta os seus impulsos destrutivos e os atribui ao seio frustrador (mau). Simultaneamente, pela introjeção, um bom seio e um mau seio são estabelecidos dentro dele. (1952: 218)*

Klein atribui a esses primeiros objetos introjetados a formação do núcleo do superego. Este se constituiria a partir das figuras boas e más que são internalizadas em amor e ódio nas várias etapas do desenvolvimento, sendo gradualmente assimiladas e integradas pelo ego. Portanto, o superego também teria origem na atividade psíquica, sendo mais um elemento a estruturar a subjetividade a partir do mundo interno da criança.

É assim que Klein destaca, no primeiro estágio da vida do bebê, a posição esquizoparanóide como dominante. Nela, a ação recíproca dos processos de introjeção e projeção são aspectos fundamentais para o desenvolvimento do ego. A primeira relação objetal da criança é a relação com o seio amado e odiado (bom e mau). Nesse momento, a ansiedade persecutória e os impulsos destrutivos estão em evidência. A fantasia de um seio ideal (produto do desejo de gratificação ilimitada), assim como de um seio devorador e perigoso (produto da ansiedade persecutória), fazem parte da mente da criança. Os dois aspectos do seio materno são introjetados e formam o núcleo do superego. Inúmeros mecanismos de defesa estão aí em funcionamento: a divisão, a onipotência, a idealização, a negação e o controle dos objetos internos e externos. Nesse estágio inicial, a habilidade do ego é muito limitada. Ele tem pouca aptidão para lidar com a ansiedade, para admitir a conjugação dos dois aspectos em relação à mãe, das emoções que se opõem em relação a ela.

Segundo a teoria kleiniana, o material trazido por um paciente ou se refere às relações objetais da criança, que por sua vez podem significar relações com objetos

internos e externos, ou aos mecanismos de introjeção e projeção. A abordagem kleiniana possibilita portanto trabalhar com os conflitos e ansiedades infantis e defesas primitivas, quer o paciente seja adulto ou criança.

Quanto mais habilidade o ego tiver para suportar a ansiedade, mais os mecanismos de defesa se alteram, e os impulsos destrutivos e a ansiedade persecutória perdem sua força. A ansiedade persecutória dá lugar, então, à ansiedade depressiva. Percebe-se a contribuição do sentido de realidade, das gratificações e das relações objetais para que se instale a posição depressiva.

A posição depressiva kleiniana é uma conquista que implica um grau de integração pessoal, assim como uma aceitação da responsabilidade por toda a destrutividade que está ligada ao viver.

Assim, a capacidade de se preocupar e sentir culpa representaria um avanço. É essa capacidade que caracteriza a chegada do bebê à posição depressiva. Nesse momento, o bebê passa a perceber a mãe como um objeto completo.

Como para Klein o objeto da realidade é uma externalização de um objeto interno, o desenvolvimento em direção à posição depressiva não dependeria de a mãe ter atributos bons ou maus. Na verdade, Klein pouco leva em conta a importância da mãe na constituição da subjetividade do seu filho.

À medida que o bebê cresce, e que se verificam mudanças no seu desenvolvimento intelectual e emocional, o seu relacionamento com o mundo externo, isto é, com as pessoas e as coisas, se diferencia. Aumenta sua capacidade de expressar suas emoções e de comunicar-se com as pessoas, e amplia-se o campo de ação de suas gratificações e interesses. Tudo isso demonstra o gradativo progresso do ego. O desenvolvimento das funções do ego, a integração, as capacidades intelectuais, a consciência e a relação com o mundo externo evoluem, tornando-se mais intensos.

O ego não só cria defesas mais adequadas para reduzir a ansiedade, mas também acaba por reduzi-la realmente, e a criança passa a enxergar uma realidade externa mais realista e tranqüilizadora. Isso, efetivamente, provoca desenvolvimentos essenciais na organização do superego, alterando a sua relação com o ego. Como conseqüência, há uma progressiva assimilação do superego pelo ego.

Esse desenvolvimento progressivo conduz a uma adaptação crescente à realidade externa e interna. Quando isso ocorre, a criança passa a ser capaz de distinguir a frustração imposta dos perigos internos. Assim, o ódio e a agressão passam a ser mais associados a fatores externos. Essa forma de lidar com a agressividade provoca menos sentimentos de culpa, e permite à criança experimentar, e sublimar, a sua agressão de uma forma mais egossintônica.

Dessa forma, a progressiva adaptação à realidade acarreta uma diminuição da ambivalência e agressão, possibilitando a atuação dos impulsos reparadores. Logo, acaba por ser gradualmente eliminado o processo de recriminação e luto, resultante da posição depressiva.

Segundo Klein, a posição depressiva está diretamente ligada a mudanças fundamentais na organização libidinal infantil, uma vez que é nessa fase que a criança está diante dos estágios preliminares do complexo de Édipo. Apesar de os desejos genitais estarem tomando a cena, a libido oral é ainda predominante. Porém, ocorre uma transferência dos poderosos desejos orais do seio materno (exacerbados pela frustração sentida em relação à mãe) para o pênis paterno. Os desejos genitais da criança juntam-se aos orais, o que resulta numa relação não só oral como genital com o pênis do pai. Mas os desejos genitais também se dirigem à mãe. Na verdade, o desejo infantil do pênis paterno estaria ligado ao ciúme da mãe, uma vez que a criança sente que é a mãe

que recebe esse objeto desejado. As primeiras angústias e os sentimentos de culpa da criança seriam resultado dos impulsos agressivos relacionados ao conflito edípico:

> *A análise de crianças pequenas revela que o conflito edípico se estabelece já na segunda metade do primeiro ano de vida e que a criança começa simultaneamente a modificá-lo e a edificar o seu superego. (1932: 30)*

Nas primeiras etapas do desenvolvimento edípico encontram-se desejos de procedências várias, que se dirigem tanto a objetos totais como parciais. No início, os pais são vistos como absolutamente fundidos. Mas com a crescente possibilidade de uma ligação mais realista com os pais, as primitivas figuras paterna e materna combinadas dão lugar a pessoas separadas uma da outra. Nessa combinação da fase edípica com os processos próprios da posição depressiva, o medo de perder a mãe colabora para a exigência de substitutos, o que faz com que a criança se volte para o pai. Os novos conflitos passam a surgir portanto em relação a duas pessoas, ambas amadas e odiadas.

A capacidade de resolver esses conflitos faz parte do processo de modificação da ansiedade, que percorre o primeiro e vai até o segundo ano de vida da criança:

> *Uma pré-condição do desenvolvimento normal é que, na interação da regressão e progressão, sejam mantidos os aspectos fundamentais do progresso já alcançado. Por outras palavras, que o processo de integração e síntese não seja*
>
> *perturbado fundamentalmente nem permanentemente. Se a ansiedade for modificada de um modo gradual, a progressão estará destinada a dominar a regressão e, no curso da neurose infantil, ficam estabelecidas as bases para a estabilidade mental. (1952: 250)*

Porém, ao chamar a atenção para a importância de não se perturbar o processo de integração e síntese - mesmo que numa etapa mais avançada do desenvolvimento da criança e confrontando essa influência com o espaço interno dos objetos -, Klein não estaria aceitando de alguma forma a influência do ambiente?

As contribuições teóricas de Klein a respeito do primeiro ano de vida da criança foram de fundamental importância para o desenvolvimento da psicanálise infantil. Mas tão importante quanto a teoria desenvolvida, foi a técnica que a analista utilizou. Passamos portanto a analisar suas observações a respeito dessa técnica.

A incapacidade da criança de associar livremente tornou necessária a procura de uma técnica que permitisse o acesso ao seu inconsciente. Levando em consideração que crianças muito pequenas, com seu vocabulário muito restrito, têm dificuldades de se comunicar, a técnica do brincar de Klein tornou a análise dessas pequenas crianças possível.

A técnica psicanalítica através do brinquedo teve início quando Klein, realizando o tratamento de Rita, uma criança de dois anos e meio, na casa da própria paciente, viu-se interpretando o significado das fantasias e ansiedades que a paciente expressava ao brincar com seus brinquedos.

Tomando como tarefa principal do método psicanalítico a investigação do inconsciente e acreditando que a análise da transferência é o meio para se atingir essa meta, Klein permitiu-se estar ao lado da criança observando-a em seu brincar, e compreendê-la através desses conceitos, sempre partindo de seus pressupostos básicos, ou seja, de que o mundo interno, com suas primeiras representações de objeto, organizam o funcionamento da subjetividade.

Entretanto, a partir da análise de Rita, Klein decidiu-se por realizar o tratamento de crianças em consultório, e não mais na casa da família da criança. Freqüentemente os

pais de Rita se manifestavam em relação à analista, o que interferia no processo; por outro lado, a criança, lidando com os seus próprios brinquedos, não sentia que tinha seu espaço próprio fora do círculo familiar. Foi então que Klein deu o "passo definitivo no desenvolvimento da técnica pelo brinquedo" , ao constatar que:

> *A situação de transferência - a espinha dorsal do processo psicanalítico - pode apenas se estabelecer e se manter se o paciente é capaz de sentir que o consultório ou a sala de brinquedo, na verdade, toda a análise, é algo separado de sua vida doméstica corrente. (1953: 29)*

Diante da possibilidade de ter que lidar com os pais de sua paciente, a psicanalista imediatamente reconsiderou sua técnica e decidiu abrir um outro espaço para a criança, onde sua realidade externa não estivesse tão presente. Essa sua atitude evidencia a pouca importância que dava ao papel dos pais em seu trabalho.

Após essa experiência, Klein, já atendendo em sua casa, mas ainda sem utilizar brinquedos, tomou a iniciativa de incluir uma caixa com vários brinquedos na sala, procurando modificar a postura indiferente e retraída da sua então paciente, de sete anos de idade. Percebeu que a criança interessou-se pelos pequenos objetos e começou a brincar. A partir desse episódio, Klein passou a considerar a presença de brinquedos essencial para análise de crianças. Desde então, os brinquedos e o jogo passaram a ser parte integrante do trabalho analítico com crianças.

Foram as fantasias das crianças, seus desejos e vivências através de jogos e brinquedos, isto é, suas expressões simbólicas, que serviram de fundamento para a elaboração de uma técnica diferente da técnica do adulto. Nessa técnica, as associações livres eram substituídas por jogos.

Klein era veemente em afirmar que a diferença entre análise de criança e análise de adulto era de técnica e não de princípios, e acreditava que a análise infantil levava aos mesmos resultados que a de adultos. Os mesmos processos – como transferência ou repressão – são trabalhados nos dois tipos de análise:

> *A análise da situação transferencial e das resistências, a remoção das amnésias infantis e dos efeitos da repressão, assim como a revelação da cena primária, fazem parte da análise lúdica. (1932: 39)*

A escola kleiniana não só considera que a criança tem capacidade de transferência espontânea como também recomenda que o analista deve interpretar tanto a transferência positiva como a negativa desde o primeiro momento, porém evitando se apresentar como educador. É nesse ponto que Klein apresenta claramente suas diferenças em relação a Anna Freud. Klein tinha muito cuidado em se apresentar como uma analista que não tivesse nenhuma característica pedagógica: suas principais interpretações eram interpretações transferenciais.

Sabemos, porém, que a interpretação da transferência negativa tem como resultado uma enorme melhora nas relações afetivas da criança com seus pais. Isso ocorre porque desmistificam-se os aspectos negativos das relações emocionais, além dessa interpretação servir também como uma elaboração.

Contrariamente ao que se supunha em sua época, Klein acreditava que a psicanálise infantil poderia fortalecer o ego da criança, ajudando-a a desenvolvê-lo. Como resultado, haveria um alívio da carga excessiva do superego, que pressiona o ego de uma forma muito rigorosa nas crianças. De fato, através de suas experiências com crianças de todas as idades, Klein percebe ser difícil "atenuar a severidade do superego" (1932: 21). Assim, para que se possa penetrar nas raízes da severidade do

superego, o analista não deve preferir nenhum papel e sim aceitar aquele que a situação analítica com a criança lhe oferece.

Quanto aos questionamentos que eram feitos a respeito das possibilidades negativas do entendimento das interpretações pela criança, Klein manifesta uma certeza absoluta sobre as capacidades intelectuais infantis.

Nessa proposta kleiniana, através da técnica lúdica a análise pode exercer uma influência radical no desenvolvimento da criança, uma vez que acessa as fixações e experiências mais profundamente reprimidas da criança, responsáveis pela perturbação do curso natural de seu desenvolvimento.

A partir da nossa prática particular, podemos verificar que na análise infantil a interpretação através do brincar é muito eficaz, o que pode ser constatado pela rápida mudança de comportamento da criança em análise.

O que chama a atenção na teoria de Klein é a contradição entre a teoria das relações objetais, que pressupõe a relação com o outro, e a ênfase que a autora dá à constituição da subjetividade a partir de aspectos inatos. Nesse sentido, poderíamos nos perguntar até que ponto Klein fazia questão de negar a influência do ambiente na formação psíquica do ser humano porque tinha que ser coerente com a defesa da teoria do instinto de vida e instinto de morte.